

# ROTEIROS DE SOBREVIVÊNCIA: VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS

*Michel Silva Guimarães<sup>1</sup>  
Filipe Dias dos Santos Silva<sup>2</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo investiga o processo de construção de um projeto extensionista voltado para informar à comunidade externa sobre os protocolos sanitários para proteção contra o novo coronavírus, bem como para refletir sobre as condições de sobrevivência de diversos grupamentos sociais diante das circunstâncias impostas pela pandemia. A investigação foi realizada a partir do processo de construção, via dez roteiros, dos dez vídeos editados para execução do projeto. O projeto, intitulado “Videoartes contra o coronavírus - intersecções entre artes, educação, saúde e tecnologias no combate ao covid-19”, valeu-se de conhecimentos artísticos, científicos e técnicos para entrecruzar as áreas da Arte e da Saúde. Auxiliaram nas formulações teóricas desse fazer artístico, científico e técnico os pensamentos de Georges Didi-Huberman, acerca do uso de imagens para resistir às mentiras do fascismo, Durval Muniz de Albuquerque Jr, sobre a identidade nordestina imaginada e Jean-Pierre Sarrazac, cuja reflexão sobre a dramaturgia rapsódica auxiliou no ato de coser e de descoser dos roteiros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Videoartes; Arte; Saúde; Pandemia.

**ABSTRACT:** This article investigates the development of a university project aimed at informing the external community about the health protocols for protection against the new coronavirus, as well as to reflect on the survival conditions of various social groups in the face of the circumstances imposed by the pandemic. The investigation was carried out based on the construction process, through ten scripts, of the ten videos edited for the execution of the project. The project, named “Video art against the coronavirus - intersections between arts, education, health and technologies in the fight against covid-19”, used artistic, scientific and technical knowledge to associate the areas of Art and Health. Some theoretical formulations helped the artistic, technical and scientific work, like Georges Didi-Huberman’s thoughts, about the use of images to resist the lies of fascism, Durval Muniz de Albuquerque Jr, about the imagined northeastern identity and Jean-Pierre Sarrazac, whose reflection on rhapsodic dramaturgy helped in the reflective elaboration of the scripts.

**KEYWORDS:** Video art; Art; Health; Pandemic.

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura e Cultura com área de concentração em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura pela UFBA, PPGLitCult. Professor Substituto de Dramaturgia na Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus VII. Vice-coordenador do projeto extensionista “Videoartes contra o coronavírus - intersecções entre artes, educação, saúde e tecnologias no combate ao covid-19”. E-mail: msguimaraes@uneb.br

<sup>2</sup> Mestre em Artes Cênicas pela UFBA, PPGAC, e doutorando pelo mesmo programa, com área de concentração em etnocologia e culturas populares. Professor substituto na Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus VII. Coordenador do projeto extensionista “Videoartes contra o coronavírus - intersecções entre artes, educação, saúde e tecnologias no combate ao covid-19”. E-mail: fdsilva@uneb.br

## INTRODUÇÃO

No presente artigo, busca-se a análise de dez roteiros que nortearam a produção de dez videoartes do projeto “Videoartes Contra o Coronavírus”. Com financiamento da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que concedeu uma bolsa a estudante, o projeto extensionista se propôs a promover diálogos e cruzamentos nas áreas de Artes, Educação, Saúde e Tecnologias para a produção de conteúdos digitais de roupagem artística com o desejo de contribuir no processo de combate à pandemia provocada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), bem como apresentar reflexões acerca das condições impostas pela pandemia a diversos grupamentos sociais, especialmente àqueles mais vulneráveis, como os que vivem da arte.

O edital 030/2020, lançado pela UNEB, permitiu a execução do projeto entre maio de 2020 e agosto do mesmo ano. Os conteúdos produzidos foram antecedidos de pesquisa sobre os temas abordados, tendo como interesse primevo sempre o processo educativo da sociedade diante das novas circunstâncias adversas, obtendo e reproduzindo dados e informações dos meios oficiais de saúde, com base em evidências científicas e de acordo com as orientações preconizadas pela Organização Mundial de Saúde.

Os vídeos dialogaram com as diversas linguagens artísticas, como música, poesia, narrativas, teatro, circo e cordel, além da festa junina, capítulo à parte no processo de confecção dos roteiros, em respeito a identidade territorial do Piemonte Norte do Itapicuru, sede do Departamento ao qual o projeto esteve vinculado. Os dez vídeos<sup>3</sup> realizados pelo projeto tiveram duração em torno de cinco a dez minutos. Encontram-se disponíveis em um canal do *Youtube* criado para divulgação do projeto e sua permanência na *web*<sup>4</sup>.

Por estarem permanentemente em uma plataforma aberta, a presença do projeto estende-se no tempo e converte-se em material didático para todos aqueles que desejarem utilizá-lo. Por isso, aqui, objetiva-se a análise dos roteiros, isto é, o descortinamento das estruturas por trás dos vídeos, a exposição dos andaimes para sua arquitetura. Para tal, valer-nos-emos da contribuição teórica de três autores: Georges Didi-Huberman, cuja *Sobrevivência dos vagalumes* (2011) nos auxilia a pensar o uso

---

<sup>3</sup> Os dez vídeos têm os seguintes títulos: 1. A arte do isolamento; 2. Amor nos tempos da pandemia; 3. São João do fica em casa. 4. São João na Pandemia; 5. Literatura em tempos de pandemia; 6. Dança na pandemia; 7. Teatro na pandemia; 8. A população negra na pandemia; 9. Circo na pandemia; 10. Gratidão e despedida.

<sup>4</sup> Link para o canal - <https://www.youtube.com/channel/UCfhGEiqjAgFND0wVj0YwYVA>

das imagens como forma de resistência; Durval Muniz de Albuquerque Jr, que, na obra *Invenção do Nordeste* (2009), permite-nos imaginar um território como forma de resiliência; e Jean-Pierre Sarrazac, o qual nos possibilita refletir sobre uma escrita rapsódica, capaz de inventariar as múltiplas informações necessárias, a partir das ideias abordadas em *O futuro do drama* (2002).

No primeiro momento, na seção “Os vagalumes”, discutiremos os roteiros 1, 2, 5, 6 e 7, mais relacionados à literatura e às formas de arte que se reinventaram no “fique em casa”. No segundo momento, na seção “As constelações”, discutiremos os roteiros 3 e 4, relacionados à festa junina, uma expressão popular repleta de arte, que se dá de forma aberta; 8 e 9, o primeiro relacionado ao circo, arte nômade, e o segundo à população negra na pandemia, grupo mais afetado; e o roteiro 10, derradeiro vídeo, fruto da gratidão dos coordenadores e monitores do projeto<sup>5</sup>.

## **OS VAGALUMES: A LITERATURA, O TEATRO E AS ARTES**

Em *Sobrevivência dos vagalumes* (2011, p. 11), Didi-Huberman intertextualiza o vigésimo sexto canto do “Inferno”, primeira parte da obra italiana *A divina Comédia* (séc. XVI), de Dante. Na “oitava vala infernal; a vala política”, junto aos “conselheiros pérfidos”, estão os vagalumes. Estes representam a “pequena luz” frente à grande luz do fascismo, traduzida na voz dos conselheiros. Dante e o “Inferno” são tomados como metáfora política da exposição dos políticos desonestos e da condenação da existência dos vagalumes.

No contexto da Pandemia da Covid-19, no Brasil, o poder público federal se comportou como os dantescos conselheiros pérfidos, sobretudo na atuação do presidente da República, “aconselhando” a aglomeração, o não uso de máscaras e a não vacinação, ou seja, atuando em favor do vírus. Contra esses aconselhamentos para a morte, o projeto Videoartes Contra o Coronavírus se utilizou das artes como forma de aconselhar para a sobrevivência: distanciamento social, uso de máscara, e, quando ela ocorresse, a vacinação.

Outra fonte para a bela imagem dos vagalumes transformada em ensaio por Didi-Huberman são as cartas e o cinema de Pier Paolo Pasolini. É o cineasta italiano

---

<sup>5</sup> O projeto teve como bolsista a discente Cláudia Barbosa, responsável pela edição e publicação dos vídeos, e com os bolsistas voluntários Jociélio Cardoso, Lucas Souza, Melissa Bonfim, Murillo Aguiar e Uriel Caruano.

que vaticina a morte dos belos insetos. Contudo, a sobrevivência destes, tanto material quanto simbólica, é defendida pelo teórico francês. Para Didi-Huberman, os vagalumes são a arte, a literatura e as culturas populares, como no cinema pasoliniano, pois representam as pequenas histórias na grande história e, de lampejo em lampejo, guiam-nos em meio à cegueira da grande luz do fascismo.

Na busca por esses vagalumes, o primeiro roteiro do projeto foi tecido pelo cordel “A arte do isolamento”, da bióloga e cordelista Débora Almeida. Escrito sob encomenda, o cordel descreve a situação inicial da pandemia e os objetivos do projeto: informar, esclarecer e convidar para uma rota guiada pela arte.

Um predador desse porte/Não é novidade/ Os tempos são outros/  
Mesma vulnerabilidade/ Usa os mesmos métodos/ Noutra sociedade/  
Para tentar bloquear/ Há coisas pra fazer/ Máscara e isolamento/ Por  
hora, resolver/ Cuidar da higiene/ Novos hábitos trazer. [...]

No início da pandemia, as medidas de isolamento, o uso da máscara, e os cuidados de higiene – como as lavagens das mãos e dos produtos vindos do supermercado, assim como o uso de álcool em gel e de tapetes sanitizantes – eram as únicas armas contra o vírus, pois a vacinação parecia ainda distante. Tendo sido *upado* em 05 de junho de 2020, o vídeo segue atual, uma vez que, embora haja vacina, as doses chegam a conta gotas, novas cepas – mais contagiantes e letais – circulam e a gestão da crise segue em favor do vírus, como já trazia o cordel:

O “meu pirão primeiro”/ Pode muito atrapalhar/ A falta de empatia  
faz/ A curva de casos aumentar/ Consciência é um bem/ Que pode nos  
salvar/ A informação é escudo/ E a governança o horizonte/ Quando  
em boas mãos/ Conduz à fonte/ De esperança de vida/ Segura ponte/  
Mas a desgovernança é perigo/ Como veneno fatal/ Como barco sem  
rumo/ Em meio ao temporal/ Nas águas escuras/ Condenação arbitral.

No cordel, feito ainda nos primeiros meses da pandemia, a autora parecia antever, diante das relações de causa e efeito, o que vivemos nos dias atuais. O “meu pirão primeiro” aponta para falsa dicotomia criada pelos gestores: ou salva-se vidas ou salva-se a economia. Criou-se, no país, um falso conflito entre CPF e CNPJ, tratando vidas humanas como números. Números esses a serem preteridos em detrimento do bem-estar do mercado e suas empresas. O cordel chama atenção para desgovernança, na

qual os conselheiros pérfidos defendem a suspensão das máscaras, o fim do isolamento social e o retorno irrestrito das atividades econômicas.

A escolha do cordel como primeira forma de arte para o entrecruzamento com as informações da área da saúde foi estratégico por sua força rapsódica, capaz de aglutinar múltiplas referências e de inventariar diversas informações; e por sua expressão cultural ligada à identidade nordestina, identidade sobre a qual a UNEB, em múltiplos projetos e pesquisas, busca refletir. A propósito da técnica do inventário, Sarrazac traz a seguinte contribuição ([1981] 2002, p. 153):

Tudo acontece como se da comunicação entre as pessoas do povo não tivéssemos, conscientemente, retido senão a parte do nada: o que constitui precisamente, o inventário, o catálogo. Retorno, em pezinhos de lã, de uma dramaturgia do lugar comum.

Em *O futuro do drama* ([1981] 2002), Sarrazac abordará o recurso épico do inventário/catálogo, que, via de regra, provoca um esvaziamento da linguagem, devido ao olhar panorâmico que o recurso proporciona, sem aprofundamento e, ao mesmo tempo, bombardeando o leitor/espectador de informações. Contudo, o gesto rapsódico do cordel, inventariando as medidas sanitárias e traços da má gestão, atribui a elas destaque, fazendo a manutenção de uma linguagem popular e acessível a todos.

A produção de um trabalho artístico remoto e mediado pelas tecnologias não pode deixar de pensar a lógica das redes sociais e de seus usuários. Sabendo que o segundo vídeo iria para as redes no dia 12 de junho de 2020, Dia dos Namorados, escolheu-se como tema “o amor na pandemia”. Para tratar da temática e das estratégias para os casais enfrentarem o isolamento, foi convidada a psicóloga Manuela Amorim, servidora pública federal. A data deu ao projeto a oportunidade de discutir a saúde mental em meio ao isolamento e às notícias sobre as mortes.

Para costurar o roteiro com a fala técnica da psicóloga, foram selecionadas seis poesias românticas: “Marcha”, de Cecília Meireles, “Casamento”, de Adélia Prado, “Soneto de Fidelidade”, de Vinicius de Moraes, “Amor é fogo que arde sem se ver”, Luís Vaz de Camões, “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade e, por fim, “Safena”, de Elisa Lucinda. A escolha da poesia lírica, na qual o “eu” fala em um presente eterno, de distintas épocas e a partir da emissão de diversos poetas, buscou informar e, ao mesmo tempo, acalentar.

A psicóloga Manuela Amorim, em sua reflexão, reitera o problema do desgoverno e da falta de assistência à saúde, o que torna falar de amor mais difícil. Ela

foca nas afecções do amor e do medo, que, contudo, nesse momento, não são dicotômicas, mas parceiras, pois o medo de perder a pessoa amada nos auxilia a seguir os protocolos de segurança, tornando, assim, apenas o amor contagiante. A profissional retoma, ainda, Freud e seu texto *O mal-estar na civilização* (1930), destacando que, por mais que tentemos fugir da dor – a exemplo das concessões a serem feitas para nossa própria proteção durante a pandemia – ninguém passa incólume a ela.

Dessa forma, a profissional enfatiza o custo-benefício de acatar todas as medidas e orientações sanitárias, pois, por mais que seja sofrível, no primeiro momento, são elas que garantirão, a médio e longo prazo, a manutenção de nossas vidas e daqueles a quem amamos. Por fim, Manuela Amorim volta a enfatizar a importância da arte nesse momento pandêmico. Sua fala foi toda recortada pela rapsódia das poesias líricas, que falam de amor e de vida.

Provavelmente, inspirada pela poesia do segundo vídeo, a equipe decidiu que o terceiro material versaria sobre a “literatura na pandemia”. Como amplamente difundido, a venda de livros, sobretudo romances de grande extensão, cresceram exponencialmente no período pandêmico, demonstrando a importância das narrativas ficcionais no cotidiano humano, principalmente em tempos de crise. Para costurar o roteiro escrito pelo professor Michel Silva Guimarães, Doutor em Literatura e Cultura, foram selecionadas três obras do cânone ocidental que têm como temática uma pandemia: *O Último Homem* (1826), de Mary Shelley; *A Peste* (1947), de Albert Camus; e *Amor nos Tempos do Cólera* (1985), de Gabriel García Márquez.

No decorrer de um longo período de isolamento, no qual até visitar um outro bairro é desaconselhável, a literatura se tornou uma das melhores companhias na pandemia. Mary Shelley, autora do clássico *Frankenstein*, de 1818 – obra com a qual inaugura a literatura de horror e de ficção científica –, aborda uma situação pandêmica e de total isolamento social no romance *O Último Homem*, de 1826, no qual tematiza uma praga que assolou a humanidade e volta ao tema da solidão, já aludido em *Frankenstein*.

Outro romance que explora a temática da pandemia e que voltou a ser comentado nesse duro período é *A Peste*, de Albert Camus, de 1947. No romance, o autor expõe a forma como a doença afeta as pessoas e incide sobre seus modos de vida. Mais próximo de nossa realidade, na América do Sul, o autor colombiano Gabriel García Márquez publica, em 1985, o romance *Amor nos Tempos do Cólera*, no qual também apresenta a peste, a quarentena, a enfermidade e a necessidade de seu enfrentamento pelo poder público.

Excertos dessas três narrativas demonstraram o que o cordel *A arte do isolamento* aponta: “Um predador desse porte/ Não é novidade/ Os tempos são outros/ Mesma vulnerabilidade?”. Os problemas tematizados por esses romances – como medo, egoísmo, ingerência e negacionismo das autoridades, cansaço das medidas sanitárias e de isolamento e seus resultados nefastos – espelham a realidade do Brasil pós-covid-19. Entretanto, acentuam que a criação e a imaginação humana sempre buscam formas de enfrentamento ao horror e de sobreviver a ele.

Após essas três primeiras incursões, tendo a literatura como lanterna-guia, os dois roteiros seguintes, “Dança na pandemia” e “Teatro na pandemia”, resolveram abordar outras duas formas de arte – além da Literatura e sua vocação natural para leitura em casa – que se reinventaram para o “fique em casa”: a Dança e o Teatro.

Para o roteiro sobre dança, foram convidados jovens artistas da cidade, do país e da cena internacional<sup>6</sup>, que apresentaram os estilos livres *krump*, *vogue*, *hip-hop* e *break*, em cenas curtas, no primeiro momento do vídeo, ao som do rap “Passar do tempo”, de Marcos de Assis. No segundo momento, intercortada com o cordel “Dançando embolada das nossas matrizes”, concebido pelo professor Filipe Dias, Mestre em Artes Cênicas, apresentou-se a fala da Ma. Edeise Gomes (UESB<sup>7</sup>).

Edeise Gomes correlaciona as danças populares à vida doméstica, pois, segundo ela, é em casa que, em geral, essas danças nascem: a partir da contação de história, da recuperação de memórias, de indumentárias e ornamentos. Para a Mestre, a epistemologia é a alegria, unindo dança, ritos religiosos, bebidas e comidas preparadas em casa, renovando os sentidos de continuidade e de ancestralidade.

Entretanto, ela destaca a reinvenção desses hábitos em decorrência da covid-19, sendo realizados, agora, apenas no seio familiar mais íntimo e interno, em respeito, sobretudo, aos mais velhos, grupo de maior risco. A fala de Edeise Gomes, abordando as danças populares do Brasil, e os estilos de “danças na rua”<sup>8</sup>, que vêm se

---

<sup>6</sup> Dançarinos: Xandy Magalhães (estilo livre), Princess Wave (estilo krump), Lil’ Shamgar (estilo krump), Filipe Ferreira (estilo livre), Afrobuck (estilo krump), Kid Vall (estilo krump), Nadosn Eccentric (estilo vogue), Thélyda (estilo hip-hop), Grezzly Lion (krump), Young Heat (estilo krump), B-boy the Rock (estilo break), Kid Medtprize (estilo krump).

<sup>7</sup> Universidade Estadual do Sudoeste Baiano.

<sup>8</sup> O que, antes, era conhecido como “danças de rua”, hoje, é entendido, por grande parte de seus praticantes e pensadores, como “danças na rua”. No entanto, essa diferenciação foge à discussão proposta neste trabalho.

popularizando cada vez mais no país, encontram-se no cordel “Dançando embolada com nossas matrizes”:

Mas, menina! Essa pandemia/ Dá um aperreio retado/ Tudo que,  
antes, a gente fazia/ Precisou ser reinventado/ E as nossas tradições/  
Não podem ficar de lado/ Temos as nossas danças/ De expressão na  
cultura popular/ E também muitas andanças/ Que precisamos  
valorizar/ Vivas no corpo-memória/ Nós iremos relembrar/ [...] A  
nossa cultura popular/ Encontra na tradição/ O poder de se reinventar/  
O baiano tem grande coração/ Abraça todos os tipos de dança/ Dos  
confins desse mundão/ Pensar as danças na rua/ De nossa cultura  
popular/ Hip Hop na favela se acentua/ O importante é mesmo  
misturar/ Numa chula funkeira afro-pop/ Dançado no sol ou na luz do  
luar.

A reinvenção da dança, levando-a, nesse período, para dentro de casa, fez com que distintos ritmos se encontrassem, a partir daquilo que os une: ancestralidade, manifestação popular, origem nos guetos, becos e vielas, mostrando que a dança também é uma arte da resistência. A dança trouxe para o projeto “Videoartes contra o Coronavírus” uma poética do corpo, na qual a expressão popular pulsa na vitalidade de uma juventude reinventiva e disruptiva com relação às artes mais clássicas da dança.

Outra arte da presença que precisou se adaptar ao dito “novo normal” foi o Teatro. Como a produção teatral tem sobrevivido nessas épocas de pandemia, já que o teatro, enquanto arte da presença, se alimenta da interação física e das grandes aglomerações? As novas possibilidades teatrais têm se pautado nas interpretações mediadas pelo ambiente *online*. Uma forma de resistir que explora novos caminhos de produção, de ensaios e de diálogo com o público.

Ao se pensar a História do Teatro, encontramos exemplos de alguns momentos nos quais foi necessário sobreviver aos isolamentos, em pestes e pandemias anteriores. Dentre as diferenças desses momentos para o que vivemos hoje, podemos sublinhar o vasto público conectado à internet. Um exemplo notório é o dramaturgo William Shakespeare que, durante um período epidêmico na Inglaterra, no século XVII, produziu algumas peças: *Rei Lear* (1605 – 1606), *Macbeth* (1606) e *Antônio e Cleópatra* (1606). Estima-se que esses textos tenham sido escritos durante um período em que os teatros estavam fechados.

As chamadas *lives* têm sido um dos recursos que os artistas têm lançado mão para angariar fundos e garantir a materialidade da vida nesse momento. Com isso, a utilização de aplicativos como o *Zoom*, *Google Meet*, *Discord*, entre outros, têm sido



fundamentais para o processo reinvenção do labor artístico desses profissionais: alguns grupos se propõem a apresentar os espetáculos ao vivo, por mediação tecnológica, outros preferem gravar seus trabalhos para disponibilizar nas plataformas digitais. Obviamente, todas essas alternativas obrigaram os artistas a enveredarem por caminhos não necessariamente trilhados antes, como se procurassem os vagalumes nas telas dos computadores em vez de perseguirem os refletores sobre o palco.

De uma forma ou de outra, a criatividade, principal insumo dos artistas teatrais, foi se transformando, aos poucos, em alternativas de sobrevivência. A venda de ingressos e os cachês solidários não conseguiram suprir as necessidades dos artistas satisfatoriamente – uma vez que nem mesmo a bilheteria de momentos não pandêmicos consegue dar conta. Todavia, essas adversidades não apagaram a bioluminescência que pulsa do corpo dos trabalhadores-vagalumes da arte teatral.

Embebidos desse sentimento de angústia e da sensação de deslocamento, por estarmos pisando em terrenos novos e movediços para muitos artistas do teatro, mas tentando, ao mesmo tempo, traduzir esses atravessamentos em uma forma de reflexão, registro e experimentação, o sétimo roteiro do videoartes propôs a apresentação de um exercício que se aproxima do que muitos profissionais da área têm denominado de teleteatro ou webteatro: o compartilhamento da leitura dramática do 1º ato da peça *Ao Dente*, ainda no prelo, de autoria de Tatá Universo, nome artístico da bolsista do projeto, Cláudia Barbosa, que, dessa forma, assinou o roteiro e a peça nele contida.

Neste viés, a Literatura (Cordéis, Poesias, Romances), a Dança e o Teatro, sobretudo em suas manifestações mais populares, comportam-se, no projeto, como os vagalumes cujas luzes, a partir de pequenos lampejos, nos guiam em meio à desinformação e à necropolítica perpetradas pelo Estado brasileiro.

## **AS CONSTELAÇÕES: O SÃO JOÃO, A POPULAÇÃO NEGRA E O CIRCENCE**

Para Albuquerque Jr. (2009), as estrelas nordestinas da literatura e da música contribuíram de forma axial para invenção de uma identidade nordestina. Nomes como os de Dorival Caymmi, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Luiz Gonzaga – só para mencionar alguns – contribuíram com sua literatura e música para construção desse personagem: o nordestino. Para o autor, “O Nordeste, assim como o

Brasil, não são recortes naturais, políticos ou econômicos apenas, mas, principalmente, construções imagético-discursivas, constelações de sentido” (p. 307).

Retoma-se o autor e sua tese sobre o Nordeste enquanto um território inventado, não para estabelecer contrapontos aos estereótipos – como tão bem faz o historiador –, mas para pensarmos um ponto específico de uma construção imagético-discursiva que povoa o imaginário coletivo baiano: a festa junina. Assim como Didi-Huberman (2011) centra sua análise nas imagens criadas pela arte e pela cultura popular, traduzidas como formas de resistência, vagalumes lampejantes cuja pulsão de vida nos convoca à luta, Albuquerque Jr. traz a imagem da constelação de sentidos. Nesta imagem, advoga-se, estão também os festejos juninos, nos quais reúne-se música, dança, teatro, brincadeiras, culinária, religiosidade e diversos outros traços da cultura do Nordeste.

Nesse sentido, com o projeto coincidindo com as datas do festejo junino, foi imperativo dedicar dois roteiros, o terceiro e o quarto, a pensar esse momento idiossincrático para o bonfinense. Nas datas de 19 de junho e 23 de junho de 2020, foram *upados* nas redes os vídeos “São João do #FiqueEmCasa” e “São João na pandemia”.

O primeiro vídeo, “São João do #FiqueEmCasa”, como o nome estilizado com *hashtag*, focou na mensagem de que as pessoas não viajassem para os interiores. Não viajar para as festas comemorativas, como Natal, Ano Novo e Carnaval, tornou-se essencial para conter a disseminação do vírus. No território nordestino, contudo, esse alerta se deu desde o festejo junino, festa na qual as pessoas retornam para suas cidades natais, tanto para rever a família, quanto para brincar o São João.

O roteiro do vídeo foi costurado por um cordel homônimo, “São João do #FiqueEmCasa”, também de autoria de Filipe Dias, intercalado pela canção “A natureza das coisas”, de Accioly Neto, na interpretação da cantora e aluna do curso de Licenciatura em Teatro Melissa Bonfim. A fala dos especialistas, ao final do vídeo, ficou a cargo dos moradores da cidade de Brejões, interior baiano do Recôncavo Sul e terra natal do cordelista.

A pandemia quase tudo mudou/ Tirou nossas festas no largo/  
Dançando forró e tomando licor/ Fogueira, quadrilha e casamento/  
Parece que tudo acabou/ Mas, minha irmã, sem avexamento/ Vamos  
fazer o que são João mandou/[...]/ Este ano, pedimos: não vá pro  
interior/ Na sua casa, você cuida de nossa gente/ Que todo ano te  
recebe cheia de amor/ Estamos também enfrentando a pandemia/ Que

por aqui também já chegou/ Se der saudade ligue, mande vídeo, até corrente/ Mande cheiro no zap pra vó e vô.

Como se pode ver no excerto escolhido, o foco foi a proteção dos mais velhos – vó e vô – e a tentativa de impedir a propagação da pandemia pelo interior do Estado. Dado o tamanho da importância dos festejos juninos para o território e para a identidade bonfinense, pois a cidade de Senhor do Bonfim se arvora como a capital baiana do Forró, foi solicitado ao professor Reginaldo Carvalho da Silva, historiador do Teatro e da cultura da cidade, um outro roteiro abordando os festejos.

Além de reiterar os protocolos sanitários, o roteiro de Carvalho da Silva chama atenção para o abandono do poder público em relação aos artistas, desamparados sem os festejos, algo que só veio a ser corrigido minimamente pela Lei Aldir Blanc, Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020. Apesar de nascer no mês de junho, a Lei chegou tarde para os artistas do São João, pois só foi implementada entre agosto e setembro. O roteiro enfatiza que, quando a importância da cultura é negada, é sinal de que houve grande falha na educação estética, sendo necessária uma autocrítica e responsabilização de políticos, gestores públicos, educadores e artistas. Ainda segundo o roteiro, independente da classe social, não há um letramento satisfatório na cultura e na arte.

Embora o lazer cumpra papel fundamental nas sociedades, ele ainda é visto como algo de direito apenas das classes privilegiadas e negado aos menos favorecidos, para os quais, muitas vezes, resta muito pouco em termos de produção cultural. Esse é o caso da festa junina, na qual a quadrilha, as fogueiras e os folguedos, o casamento matuto, o forró, em sua expressão cantada e dançada, são apenas alguns dos exemplos de uma enorme produção cultural popular.

O roteiro de Carvalho da Silva é entrecortado pela fala de atores, que dão o texto informativo; e por depoimentos de artistas locais de Senhor do Bonfim, que narram suas histórias pessoais com o tradicional São João da cidade. O roteiro chama atenção para a potência da arte na manutenção da memória cultural de um território e, sobretudo, para saúde mental da população. Carvalho da Silva, acertadamente, equipara os saberes artísticos e científicos, que, atuando lado a lado, cada um à sua maneira, são fulcrais para o bem-estar de um povo.

Se, nos terceiro e quarto roteiros, uma demanda local nos guiou, em um outro momento, já mais à frente no projeto, no oitavo roteiro, um problema global requisitou nossa atenção: a população negra na pandemia. O movimento *Black Lives Matter*, após

o assassinato de George Floyd, cidadão estadunidense, asfixiado pelas forças policiais, chamou atenção para o fato de que o Estado também estava asfixiando a população negra por negligência, em meio a pandemia do Covid-19.

No Brasil, os primeiros casos confirmados de contaminação pelo novo coronavírus foram de trabalhadoras domésticas, assim como os primeiros casos de óbito. Com a pandemia evidenciando o racismo estrutural, sobretudo nos países da diáspora, foi imperativo para a equipe pensar sobre essa temática. Para confecção do roteiro, Michel Guimarães escolheu a poesia “*And Still I Rise/ Ainda Assim Me Levanto*”, da poeta Maya Angelou, para intercalar o texto enunciado pela atriz e advogada Alessandra Sena Passos de Moraes.

A pandemia escancarou um agravante na desigualdade socioeconômica nacional, o recorte étnico-racial que há nela. À época da realização do roteiro, havia os seguintes dados:

No caso das internações pela doença, há um equilíbrio: negros representam 49,1% dos internados por Covid-19, enquanto brancos representam 49%. Mas na análise das mortes, o descompasso aparece, pretos e pardos representam 57% dos mortos pela doença enquanto brancos são 41% dos mortos (VINAS; DURAN; CARVALHO, 2020).

A falta de acesso aos serviços de saúde, a exames e a diagnósticos, a subnotificação na confirmação de casos e no número de óbitos decorrentes da Covid-19 atingem a população em geral, mas especialmente a população negra, pois é um reflexo do racismo estrutural ao qual estamos expostos. O advogado e jurista Silvio Almeida, em sua obra *O que é racismo estrutural?* (2018), defende que o racismo não é um ato ou um conjunto de atos e tampouco se resume a um fenômeno restrito às práticas institucionais; é, sobretudo, um processo histórico e político em que as condições de subalternidade ou de privilégio de sujeitos racializados são estruturalmente reproduzidas.

Essa reprodução estrutural das condições de subalternidade e de privilégios acontece quando, em dados do IBGE de 2018, 36,1% dos jovens universitários eram brancos, enquanto apenas 18,3% eram negros, denotando uma clara manutenção de privilégios. Também segundo dados do IBGE de 2018: o Brasil possui 6,2 milhões de trabalhadores domésticos, o maior contingente de pessoas nessa função no mundo. 92% desse total é de mulheres (5,7 milhões), das quais 68,4% são mulheres negras (3,9 milhões), um claro exemplo da subalternização da mulher negra em nossa sociedade.

Essa realidade estatística que, muitas vezes, desumaniza pessoas, vertendo-as em dados, é humanamente plasmada pela poesia de Angelou, na tradução de Francesca Angiolillo: “Das choças dessa história vergonhosa/Eu me levanto/De um passado que se ancora doloroso/Eu me levanto/Sou um oceano negro, vasto e irrequieto/indo e vindo contra as marés me elevo”<sup>9</sup>.

Elevar os artistas e os mais vulneráveis a um espaço seguro de informação foi o maior objetivo do projeto e, já em sua fase derradeira, no nono roteiro, não poderíamos deixar de nos deter naqueles impossibilitados de levantarem a lona: os artistas circenses. A artista circense Mariana Costa, integrante do circo “Los Manos”, foi a convidada para expor a situação atual do circo. Ela e sua trupe estavam, à época, parados na cidade de Congonha do Norte – MG, sobrevivendo de doações e do auxílio emergencial.

Entrecortando a fala da artista, os palhaços Kauba (Valter Ferreira), Tampila (Jeniffer Oliveira) e Catchup (Israel Santana) encenaram a retirada da maquiagem no espelho, refletindo, assim, a desmontagem pela qual passa o circo. Manchetes de jornais, evidenciando a situação calamitosa das artes do picadeiro, junto com a declamação, pelo professor Filipe Dias, da poesia “O mal e o sofrimento”, de Leandro Gomes de Barros, também compuseram o roteiro.

A arte do Circo, um patrimônio da humanidade, também tem fortes raízes na cidade de Senhor do Bonfim, compondo, junto com os festejos juninos, parte dessa constelação de sentidos cujas construções imagéticos-discursivas compõem o imaginário do bonfinense e a invenção de sua identidade.

O décimo e derradeiro roteiro, para o vídeo “Gratidão e despedida”, foi composto pelo professor Filipe Dias e retomou toda a trajetória do projeto, ao mesmo tempo em que reiterou todas as informações trazidas e todos os vídeos editados. Na despedida, a gratidão pela contribuição de todos os profissionais envolvidos e pela audiência que, embora pequena, acreditamos ser disseminadora das informações verdadeiras que buscamos espalhar. O último roteiro e seu vídeo foi também a derradeira rapsódia, na qual todo o percurso foi feito de forma sucinta.

---

<sup>9</sup> ANGELOU, Maya. Ainda assim eu me levanto. Tradução de Francesca Angiolillo. Revista TAG Experiências Literárias - Curadoria, setembro de 2018, p. 27.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Além dos professores coordenadores, especialistas em suas respectivas áreas de atuação, as Artes Cênicas e a Literatura, o projeto contou com as vozes de demais especialistas: a bióloga Débora Almeida, a psicóloga Manuela Amorim, a professora Ma. em Dança Edeise Gomes, os moradores de Brejões, o professor Dr. em Artes Cênicas Reginaldo Carvalho da Silva, a advogada Alessandra Sena Passos de Moraes, a circense Mariana Costa e tantos outros artistas e profissionais que doaram seu tempo pela luta contra o novo coronavírus.

Essas vozes, intercaladas com as constelações da Literatura, Música, Teatro, Festejos Juninos, Dança e Circo, em texto e corpo, uniram-se aos profissionais-vagalumes sobreviventes, em um inventário caleidoscópico que buscou refletir a miríade de vagalumes e constelações, imagens tradutoras do que diz um antigo compositor baiano: “gente nasce é pra brilhar”.

Ao longo de quase três meses de sua execução, o “VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS - INTERSECÇÕES ENTRE ARTES, EDUCAÇÃO, SAÚDE E TECNOLOGIAS NO COMBATE AO COVID-19” contou com apoiadores, parceiros e seguidores unidos em objetivos comuns: desmentir os conselheiros perversos, disseminar as informações corretas, entreter a população em meio ao caos, defender a sobrevivência simbólica e material da arte e dos artistas.

O fomento da Universidade do Estado da Bahia, através do edital 030/2020, da PROEBEX, possibilitou que o trabalho realizado pelo projeto se somasse às milhares de vozes espalhadas pelo país que, juntas, conquistaram a Lei Aldir Blanc, Lei nº14.017, de 29 de junho de 2020. A UNEB, desta forma, cumpre sua vocação acadêmica e social enquanto uma universidade pública, gratuita e de excelência.

Eternamente presente na nuvem da *web*, em uma plataforma aberta, acompanharemos o crescimento e os desdobramentos do projeto, trabalhando para que ele chegue cada vez mais longe, perpetuando-se no tempo, mas desejosos de que ele se torne apenas o registro de um período infeliz de nossa história.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural?. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vaga-lumes. Tradução de Vera Casanova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

SANTOS, M. P. A. *et al.* População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. Estudos Avançados São Paulo, v. 34, n. 99, p. 225-244, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v34n99/1806-9592-ea-34-99-225.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

SARRAZAC, Jean-Pierre. O futuro do drama: escritas dramáticas contemporâneas. Tradução de Alexandra Moreira da Silva. Porto: Campo das Letras, 2002.

VINÃS, Diego; DURAN, Pedro; CARVALHO, Júlia. Morrem 40% mais negros que brancos por coronavírus no Brasil. 05 jun. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/06/05/negros-morrem-40-mais-que-brancos-por-coronavirus-no-brasil> Acesso em: 20 jun. 2020.